

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

Márcia de Medeiros Kemele

A participação como possibilidade de transformação

PORTO ALEGRE
2015

Márcia de Medeiros Kemele

A participação como possibilidade de transformação

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Escolar, do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Programa de Pós Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador (a): Monique Robain Montano

PORTO ALEGRE
2015

RESUMO

Este trabalho atende exigência do curso de Especialização em Gestão Escolar, voltado para gestores de escolas públicas e possibilitou uma reflexão sobre a democratização da escola e a relação entre os sujeitos, com foco no segmento alunos. As ações desenvolvidas para o Projeto de Intervenção – PI foram realizadas numa escola pública de periferia no final do ano de 2014 e início de 2015. O objetivo do projeto foi o de despertar no aluno: o sentido de pertencimento ao ambiente escolar; vivenciar experiências que transformam o cotidiano num espaço de reflexão e de transformação e descentralizar as tomadas de decisões, viabilizando a participação de todos. Para o embasamento utilizei como referencial teórico: Veiga (2013) com abordagens sobre o Projeto Político Pedagógico; Galina e Carbello (s.d), Gestão democrática, participação; Richardson (s/d), Tripp (2005) e Franco (2005) para a pedagogia da pesquisa-ação. A pesquisa-ação foi a metodologia adotada para a intervenção na realidade com a intenção de refletir e contribuir com o processo. Ao longo da reflexão foi possível constatar indicativos que possibilitam a participação e a democratização no exercício da cidadania no âmbito escolar.

Palavras-chave: Gestão democrática. Pertencimento. Cidadania.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
3	METODOLOGIA.....	12
4	AÇÕES ANALISADAS	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	23
	ANEXO(S)	24
	ANEXO A – Ata com a comunidade.....	26
	ANEXO B – Ata com o segmento alunos.....	28
	ANEXO C – Registro fotográfico das reuniões	30

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é decorrência do trabalho desenvolvido numa escola pública da Rede do Estado do Rio Grande do Sul, em que componho a equipe diretiva e foi desenvolvido na mesma a partir do Projeto de Intervenção organizado e executado durante a Sala de Projeto Vivencial, do Curso de Especialização em Gestão Escolar

A escola foi criada no ano de 1958, para atender os alunos da comunidade da Vila Varig, na qual está inserida. Apresenta uma realidade bastante desafiadora. Oferece Ensino Fundamental Incompleto do 1º ao 6º ano, com aproximadamente 352 alunos entre 6 e 14 anos, são 16 turmas divididas entre os turnos da manhã e da tarde, 06 funcionários, 26 professores. O espaço físico da escola é bastante limitado, não dispomos de ambientes que são considerados importantes para o desenvolvimento dos alunos, como refeitório, cozinha, quadra para a prática de educação física, sala de apoio pedagógico, área de convivência coberta para dias de chuva, biblioteca para pesquisas e sala informatizada, ambas com espaço adequado ao número de alunos por turma, sala para o Serviço de Orientação Escolar – SOE, onde possa ser atendido de forma reservada os pais dos alunos.

O Projeto Político Pedagógico - PPP em vigor está desatualizado, pois foi construído pela comunidade escolar e homologado pela Secretaria de Estado da Educação no ano de 2001, embora o processo democrático à época, atualmente deve ser revisto, pois ocorreram modificações no perfil desta comunidade, consequência de invasões nas redondezas da escola, migração dos moradores do bairro, bem como a evolução tecnológica nos últimos 10 anos. A comunidade demanda por outros interesses, metodologias, currículo e gestão do processo tendo em vista a mudança sócio-econômica, por estes motivos dentre outros temos que rever o PPP, e contemplar está nova realidade social.

As ações implementadas no Projeto de Intervenção buscaram despertar no nosso aluno o sentimento de pertencer a comunidade escolar em que está inserido, pois observa-se que o interesse do aluno pela escola e pelos hábitos de estudos em algum momento da etapa escolar se perde.

A definição do foco para o Projeto de Intervenção aconteceu durante uma reunião com a equipe diretiva, quando a equipe avaliou a falta de comprometimento dos alunos em relação a prática pedagógica e a participação dos mesmos em

relação as atividades desenvolvidas no cotidiano escolar, aspectos que mais preocupavam a equipe. Diante deste problema todos da equipe diretiva e os demais professores perceberam e concordaram que era o momento de tomarmos alguma atitude: O que fazer para resgatar estes alunos?

As reflexões sobre o foco do PI são tratadas na segunda seção deste Trabalho e estão ancoradas no referencial do Curso de Gestão Escolar, onde dentre os autores escolhidos destacamos as proposições de Veiga (2013) e suas abordagens sobre o PPP e a gestão democrática; Galina e Carbello (s.d) contribuem para pensar o tema da participação dos diferentes segmentos da comunidade escolar.

As ações planejadas tiveram por base a metodologia da pesquisa-ação, na perspectiva apontada por Franco (2005) e Tripp (2005) é tratada na seção três deste trabalho.

Para o desenvolvimento do Projeto de Intervenção foram executadas ações que estão analisadas na seção quatro deste trabalho. Dentre elas destacam-se as reuniões com os segmentos, que tiveram como objetivo articular os diferentes segmentos em torno do objetivo do PI.

Concluo o trabalho apresentando a avaliação dos efeitos deste trabalho no cotidiano da escola e mais especificamente no segmento dos alunos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os referenciais apresentados nesta seção do Trabalho de Conclusão de Curso constituem a base legal e teórica para a análise das ações, que posteriormente serão apresentadas, e fazem parte do Projeto de Intervenção desenvolvido como exigência do Curso de Especialização em Gestão Escolar do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, ministrado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A gestão democrática e participativa na escola pública é um dos princípios constitucionais definidos no artigo 206 da Constituição Federal de 1988, que preconiza: “Art.206 O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: [...] V- gestão democrática do ensino público, na forma da lei;” (BRASIL, 1988).

Desta forma a gestão democrática exige uma compreensão profunda das situações enfrentadas na prática pedagógica, um repensar na administração da escola com um olhar de socialização, visando à prática da participação coletiva.

Para Veiga (2013) a escola é um espaço relacional, um espaço sujeito a compromissos, colaboração e participação. É um espaço organizado de forma plural e diversa, que permite compreender a natureza desse espaço educativo, das relações e interações que aí ocorrem.

Tal entendimento nos permite pensar a escola como um espaço de construção, de participação do coletivo, de reflexão e transformação. Compreender como acontece e se desenvolvem as relações no ambiente escolar é extremamente importante para gestão democrática. Desta forma pensar a escola com autonomia é criar uma identidade própria, que caracteriza um determinado espaço e grupo social e ao mesmo tempo revela uma parte de cada sujeito que esteve envolvido no processo de construção.

As autoras Galina e Carbello (s/d) apontam que a participação e o envolvimento da comunidade são um sinal maior da democracia. Essas participações se efetivam através das instâncias colegiadas. Desta forma os indivíduos exercitam a cidadania, participando da vida social com consciência de seus direitos e deveres.

A participação é uma forma de expressar a consciência de cidadania que o sujeito tem, as autoras afirmam que esta consciência vai além de conhecer e cumprir

com seus direitos e deveres perpassa por uma consciência ideológica, é um processo de formação pessoal e social. Enfim um novo conceito de participação. Contudo a escola tem um papel muito importante neste processo de democracia e cidadania, pois não é possível aprender ambos somente em livros, mas principalmente com a relação no dia a dia através da convivência entre os iguais e diferentes, ou seja, no convívio social e público e neste sentido a escola é o espaço ideal para estas relações, estimulando a troca e as reflexões através de seus métodos didático-pedagógicos. As autoras trazem também a importância da escola rever suas atitudes em função desta educação emancipatória, com uma formação crítica e autônoma.

Cabe ainda dizer que não é possível falar em gestão democrática sem mencionar as relações de hierarquia de poderes, pois conforme mencionam as autoras nem sempre a distribuição de tarefas no interior das escolas ocorrem de forma democrática, e nem sempre as direções de escola são detentoras desta tão mencionada autonomia e conseqüentemente acontece uma falha no processo de construção da democracia, aonde as sujeitos não se apropriam do saber e da consciência crítica.

Paro (2008) menciona a necessidade de acreditarmos que mesmo estando longe do ideal estas relações sociais que se desenvolvem dentro do ambiente escolar são extremamente necessárias para que ocorra a mudança esperada na democratização da gestão escolar conforme:

Estes elementos, embora nem sempre de forma previsível ou intencional – dada a autonomia relativa daquelas relações – não deixam de oferecer limites e ao mesmo tempo, propiciar condições para o desenvolvimento de condutas, rotinas, cresças, costumes, valores, que perpassam as relações sociais na escola. [...] o importante é considerar que, muito embora essas práticas nem sempre sejam passíveis de antecipação no plano ideal, o fato de elas existirem torna possível examiná-las e procurar descobrir seu vínculo com as ordenações racionais, de modo a identificar, mais ou menos, precisamente, que medidas as ocasionaram e quais são as possibilidades de iniciativas que produzem sua mudança ou sua afirmação. (PARO,2008, p.4).

Uma questão bastante preocupante, que Paro (2008) apresenta, é que a respeito da participação deve haver um cuidado quanto à medida, pois é comum enfrentar ou uma restrição no envolvimento dos alunos, ou uma aceitação desmedida, sem que seja realizado um trabalho efetivo e consciente sobre todo o processo de participação. Para isso é necessário “[...] proporcionar condições para que as crianças se tornem autônomas, não pela via do autoritarismo ou do

espontaneísmo, mas por meio do diálogo que é a mediação por excelência da educação como prática democrática.”

Também Azevedo e Mendonça (2012) abordam a importância da participação das famílias na construção da escola pública mais democrática. Com uma riqueza de diferenças o democrático se constrói através do diálogo, como principal metodologia de discussões. Pois todos ouvem e são ouvidos.

Por ser um espaço onde as diferenças se encontram é que se faz necessário exercitar o diálogo. É também neste espaço que os conflitos são negociados possibilitando discutir a construção da democracia.

É neste enfoque de democracia, participação e convivência das diferenças que trago o Projeto de Intervenção. A convivência no cotidiano escolar é muito dinâmica e intensa, desta forma faz-se necessário o diálogo como a principal maneira de reinventar o espaço escolar.

Porém só querer não basta, para que haja a transformação, conforme Gandin (2001) é necessário que,

[...]duas condições para que se processe uma transformação. A primeira [...] é um conjunto de aspirações e de exigências, às vezes expressas claramente, outras vezes, apenas indicadas, que formam uma espécie de tendência para uma direção. A segunda é a existência de grupos capazes, primeiro de reconhecer essa tendência, segundo de compreendê-las mais amplamente, de organizá-las, de desenvolver metodologias aptas a realizá-la (GANDIN, 2001, s/p).

A questão da participação na gestão democrática também aparece na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, confirmando o que traz a constituição. O art. 14 da LDBEN fala:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as peculiaridades e conforme os seguintes princípios:
I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

O Projeto Político Pedagógico é um instrumento legal, que garante a efetivação da gestão democrática na escola contemplando a participação da comunidade escolar em diferentes instancias, e não só nos colegiados. Desta forma cabe através do diálogo entre os sujeitos garantir estes momentos de construção do coletivo e o exercício da cidadania, pois sabemos que a participação não é algo simples de se efetivar. De acordo com Paro (apud Comerlatto; Peroni, 2014, p.65) é

necessário “[...] o provimento de condições para que os membros das camadas exploradas participem da vida escolar”.

Para que a escola seja realmente um espaço democrático não basta repensar as áreas administrativa e pedagógica. É preciso assegurar a participação de todos os segmentos. Neste sentido é oportuna a reflexão feita por Falcetta et al. (2014, p.270) :

Assim pensar uma escola a partir de um processo de gestão democrática implica não somente a atividade administrativa e pedagógica participativa, mas, sim, a abertura de um espaço para ações colegiadas, articuladas com todos os segmentos que a compõem, entendendo-se que desse modo se abre espaço para o contraditório, o problematizador e o divergente – fundamentais para prática da democracia. (FALCETTA et al., 2014, p.270)

Para assegurar este processo participativo é extremamente necessário que haja um envolvimento de todos os segmentos, através de ações planejadas e articuladas ao Projeto Político Pedagógico – PPP, visando o desenvolvimento e a construção de uma sociedade criticamente participativa.

Ao discutirem participação e democracia Medeiros e Luce (2006) retomam colocações de Bordenave (1994). Segundo este autor “Democracia é um estado de participação” (BORDENAVE, 1994 apud MEDEIROS; LUCE, 2006, p.3). Ao fazerem análise desta afirmativa as autoras (2006) afirmam:

A democracia participativa, para este autor, é aquela em que os cidadãos ao sentirem-se **fazendo parte** de uma nação ou grupo social, **têm parte** real na sua condução e por isso tomam parte na infindável construção de uma nova sociedade da qual se sentem parte. (MEDEIROS; LUCE, 2006, p.3) [grifos no original]

Avaliando as relações do cotidiano escolar é que se fortalece a necessidade de participação do aluno na construção da democracia no ambiente escolar, para que eles possam sentir que fazem parte do processo, contribuindo de forma transformadora no cotidiano da escola.

Porém as transformações não acontecem por vontade dos indivíduos somente. É preciso que haja espaços capazes de compreender e organizar esta participação.

Ainda que se tenha tido muitos avanços na conquista da democracia no âmbito escolar devemos ter presente que é necessário exercitar e refletir sobre os conceitos de participação e de práticas democráticas. Falcetta et. al. (2014) dizem que:

[...] É necessário praticamente todo um trabalho de desconstrução de práticas – mesmo inconscientes, mesmo bem-intencionadas – autoritárias e centralizadoras, para que possamos, num processo de amadurecimento e ação, construir instâncias deliberativas. (FALCETA et al., 2014, p.285)

A participação é um processo também de construção. O sujeito deve preparar-se para estes diálogos, apontar erros, argumentar, sugerir rumos, valorizar as diferentes experiências que formam determinado grupo, no nosso caso a comunidade escolar.

Quando o sujeito desenvolve seu conceito de participação o grupo também ganha, pois amadurece seus conhecimentos e desenvolve-se enquanto grupo, junto com os sujeitos envolvidos.

Desta forma percebo que os alunos estão em processo de construção da democracia. Eles têm consciência do que querem, porém não sabem muito bem o que fazer com estas informações, coisa que acaba gerando violência verbal, violência física e atitudes de indisciplina com colegas, professores, funcionários e outros pais da comunidade escolar.

Há um sentimento de insatisfação deles com o cotidiano escolar, mas não sabem como expressar tal sentimento e suas atitudes acabam gerando situações de descontrole, e com isso utilizam muito pouco o diálogo que é a ferramenta fundamental para efetivar a democracia. Através do diálogo poderíamos resolver os problemas em função de um bem comum, para superar estas diferenças cito Azevedo e Mendonça (2012) que afirmam,

Contudo, perceber a escola como possibilidade de participação tem sido um desafio para os sujeitos que praticam o cotidiano escolar, já que se faz necessário o reconhecimento da diferença e dos outros sujeitos enquanto legítimos outros.

Nesse sentido, o democrático se constrói pela riqueza das diferenças e pela possibilidade de participação plena desses sujeitos. O diálogo é eleito como principal metodologia de discussões para consecução dessa escola outra, onde todos possam ter suas vozes ouvidas nas discussões, debates, negociações para construção de uma sociedade mais participativa. (AZEVEDO; MENDONÇA, 2012, p.2-3)

Acreditando que a Gestão Democrática da Educação é um processo em construção e que através da participação é possível exercer a cidadania consciente, fortalecendo o conceito de democracia o Projeto de Intervenção - PI buscou junto ao segmento alunos a participação efetiva no cotidiano da escola garantindo assim um princípio da Gestão Democrática. Através de ações que possibilitaram aos discentes refletir sobre as relações que se estabelecem na escola e a realidade do meio social

do qual fazem parte. Com a emancipação das atitudes, com sujeitos autônomos e capazes de encontrar nas diferenças a resposta para seus questionamentos. Pensar no coletivo e não só no seu bem estar.

3 METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa que possibilitou realizar os estudos sobre este Projeto de Intervenção busca uma reflexão sobre a participação do segmento aluno no cotidiano da escola. Temos enfrentado dificuldade de participação nos colegiados, Conselho Escolar e Círculos de Pais e Mestres, pois os segmentos pais e alunos não participavam de forma expressiva de reuniões, fóruns ou debates que são oferecidos na escola.

Considerando esta realidade da comunidade escolar, e para que haja uma transformação nas atitudes dos sujeitos envolvidos o Projeto de Intervenção proposto teve como base a metodologia da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação foi utilizada como metodologia para implementar o Projeto de Intervenção – PI, pois havia a necessidade de refletir e reorganizar a participação com o segmento alunos na construção da democracia no cotidiano escolar e a partir desta reflexão a promoção de mudanças significativas nas atitudes dos sujeitos envolvidos. Neste sentido de movimento é que Kemmis et. al. (apud, Richardson 2008, s/p) aponta que “fazer pesquisa-ação significa planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa o que fazemos na nossa experiência diária.”

Neste caráter integrador da pesquisa-ação, onde há um diálogo entre sujeito pesquisado e o pesquisador, em situações reais do cotidiano, efetivou-se um processo de reflexão/ação/reflexão, dentro daquilo que Franco (2005) aponta como um processo em espiral cíclica, que englobaria estas três fases.

Richardson (2008, s/p) também afirma que a pesquisa-ação tem como objetivo a mudança e o comprometimento dos sujeitos envolvidos com esta mudança. Tendo presente esta recomendação este trabalho buscou desenvolver nos alunos de 4º, 5º e 6º anos a participação efetiva na dinâmica escolar, despertando no aluno o sentimento de pertencimento a este espaço de forma criativa, crítica e autônoma.

A escolha deste tema aconteceu em um momento de reunião de equipe diretiva no final de 2014, quando foi realizado um levantamento sobre as prioridades da escola. Na ocasião a maior dificuldade foi definir o foco dentre tantos problemas apontados pela equipe, visto que teríamos pouco tempo para desenvolver algumas atividades até o término do ano letivo.

A intenção do projeto foi trabalhar de forma integradora, mobilizando não só o segmento alunos, mas também o grupo de professores, atendendo a concepção apresentada por Franco (2005), porém devido ao tempo de implementação do PI me detive apenas no segmento alunos. Para esta autora a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa é indispensável quando se escolhe a Pesquisa-ação como metodologia. Assim, conforme a autora:

Se alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática. No entanto, a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação. (FRANCO, 2005, p.485)

Mas, também é importante lembrar o papel do pesquisador neste processo, pois como sinaliza Franco (2005, p.495) “É preciso que o pesquisador saiba tecer e construir esse sentimento de parceria e colaboração, construindo um clima grupal que permita a emergência qualitativa dessas ações em todos os participantes.”

Com o auxílio da professora orientadora marcamos um encontro, ainda em 2014, com as turmas de 5º ano, para sabermos as expectativas dos alunos em relação ao ano seguinte, quando passariam a frequentar o 6º ano. Foi constatado que a diferença na organização das turmas e o número de professores causavam muita aflição nos alunos. Estes encontros seguiram também durante o ano de 2015, com as turmas de 5º e 6º ano onde foi possível trabalhar as responsabilidades deles para com a escola e com o desenvolvimento da sua aprendizagem. Na ocasião solicitamos que os professores responsáveis pelas séries no ano seguinte juntamente com a equipe diretiva construíssem com os alunos um elo de trocas. Criando nos alunos ou resgatando nos grupos a importância e o papel da escola na vida de cada um.

As ações implementadas para a execução do Projeto de Intervenção procuraram atender a recomendação feita por Tripp (2005, p.446) quanto a pesquisa-ação como um processo onde “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.”

Neste sentido crescente de transformação do cotidiano escolar, onde possamos estabelecer relações saudáveis e de parceria entre todos os segmentos da escola, efetivando a participação e a democratização do espaço escolar, foram

planejadas as ações. Um exercício concreto de participação dos alunos em diferentes momentos do planejamento da escola trouxe como ganho o envolvimento com uma repercussão positiva no modo de agir dos alunos e no entendimento da importância da participação de todos.

4 AÇÕES ANALISADAS

Pensando em participação como um exercício de cidadania e efetivação da democracia no ambiente escolar, foram planejadas e articuladas ações que possibilitaram aos alunos exercitar a cidadania e contribuir de forma prática nas atividades do cotidiano da escola. Tais ações serão analisadas nesta seção do Relatório.

A definição do foco do Projeto de Intervenção – PI ocorreu em novembro de 2014 a partir de uma reunião de equipe diretiva, onde tratávamos sobre as demandas da escola e os problemas mais urgentes. Durante a conversa percebi a necessidade de pensar uma maneira de chamar o grupo de alunos para participar das atividades que eram promovidas pela escola, pois percebi que havia pouco envolvimento dos mesmos com a rotina escolar, mesmo sendo eles os sujeitos que deveriam estar mais envolvidos com o processo. Também definimos na ocasião que utilizaríamos uma reunião pedagógica para apresentar o PI às demais colegas e solicitar a participação das mesmas nas ações que seriam articuladas com a rotina da escola.

Durante uma reunião pedagógica, solicitei um espaço para conversar com o grupo de professores, para explicar e apresentar minha proposta de implementar um projeto de participação dos alunos no cotidiano escolar, assunto que tem sido bastante discutido entre o grupo, mas pouco compreendido. Primeiro de forma expositiva, apresentei a proposta do Curso de Gestão Escolar, que mostra a necessidade de olhar a escola sobre a perspectiva da inclusão social e da emancipação humana, atendendo aos princípios da gestão democrática. Logo após apresentei a proposta do Projeto de Intervenção – PI, visando uma transformação na realidade da escola, envolvendo a participação dos alunos nesse processo de fortalecimento e efetivação da democracia. Solicitei então que todos os professores se envolvessem neste processo que exige um esforço do coletivo.

As professoras aceitaram a proposta e reconheceram que a participação dos alunos é muito limitada, e demonstraram interesse em apoiar e colaborar nas ações para a mudança desta postura. Combinamos que a próxima reunião, para tratar sobre o PI, seria com os professores de 4º e 5º anos e os professores conselheiros do 6º ano, pois a princípio são as turmas envolvidas diretamente no projeto.

Conforme havíamos combinado anteriormente, no dia 17 de dezembro de 2014 reuniram-se os professores envolvidos diretamente com os alunos do projeto. Neste encontro debatemos sobre o envolvimento dos alunos no cotidiano escolar, solicitei um relato sobre o que acontece nas salas e causam dificuldades no convívio dos alunos na escola. Também foi solicitado que apontassem sugestões para melhorar este convívio. A indisciplina foi um ponto em comum no relato de todos os professores. Porém, os professores têm a consciência de que a indisciplina não pode ser um entrave na relação aluno/escola. Para os autores Azevedo e Mendonça (2012, p.3) “A escola é um espaço de encontro - de múltiplos sujeitos, de ideias; de conflitos – dos diferentes, dos que pensam diferente e de negociação – dos conflitos, das múltiplas ideias”, por isso é importante o diálogo e a conquista das partes além do envolvimento com as atividades propostas.

É importante mencionar ainda que não é produtivo para o grupo ficarmos apontando as dificuldades sem levantarmos junto sugestões que possibilitem mediar os conflitos. O encaminhamento da reunião foi de mantermos encontros periódicos para que o grupo de professores avaliasse o amadurecimento e a participação dos alunos nas atividades que se estabelecem no cotidiano da escola. A partir desta reunião os professores realizaram debates em sala de aula para envolver os alunos na discussão sobre a participação dos mesmos nos projetos desenvolvidos na escola. Porém o maior problema que enfrentei foi o término do ano letivo, pois sabia que muito iria se perder no período de férias.

Durante as férias escolares foi possível intensificar as leituras que permitiram a compreensão, e a necessidade de estabelecer ações que envolvessem os alunos e seus saberes no espaço da escola, Azevedo e Mendonça (2012) expressam que:

Ao superarmos os preconceitos que *a priori* invadem o espaço escolar e considerarmos os estudantes e suas famílias sujeitos portadores de saberes e capazes de ensinar e aprender esta situação se modifica e a escola se torna um espaço rico para potencialização da aprendizagem e de transformações (AZEVEDO; MENDONÇA, 2012, p.4).

É preciso termos presente que não basta democratizarmos a gestão das escolas, mas todas as suas práticas cotidianas, conforme Bastos (apud Azevedo e Mendonça, 2012, p.4) falando que:

“Certamente o democrático não pode ficar restrito aos espaços da gestão. As aulas, o projeto pedagógico da escola, as atividades culturais, as relações dos alunos entre si e com seus professores/as e funcionários/as, as relações da escola com outras escolas e com a Secretaria de Educação,

com o bairro e com a cidade, as comunicações pedagógicas, enfim tudo que diz respeito à construção da experiência de novos saberes são mediados por práticas que podem sofrer profundas modificações na medida em que o sujeito sai de seu isolamento e constroem grupos, redes ou núcleos. Em toda e qualquer atividade prática os sujeitos podem se organizar democraticamente, desde que essa atividade prática se proponha a interferir na escola e na sociedade. (BASTOS, 2005, p.35)”

Reconhecemos que a escola contribui em parte para o distanciamento do aluno, pois não solicita a participação dos mesmos no cotidiano da escola, e que é importante revertermos este quadro. Definimos como meta para ano de 2015 envolvermos os alunos em diferentes atividades, solicitando sugestões e dialogando sobre as práticas na escola.

No dia 26 de fevereiro, início do ano letivo de 2015, realizamos uma reunião geral da escola, envolvendo todos os segmentos da comunidade escolar. Apresentamos à comunidade a equipe diretiva, o grupo de professores os funcionários, fizemos alguns consensos institucionais para o início do ano letivo e solicitamos a participação de todos, pois para o aluno é importante o envolvimento e a parceria entre família/escola. Logo após os participantes foram encaminhados para suas respectivas salas de aula onde os professores titulares das turmas estariam recebendo os alunos e seus familiares para uma acolhida. Observei que tendo em vista ser o primeiro dia letivo a presença dos pais foi muito pouca, e os alunos demonstraram desinteresse pelo assunto proposto. Após a reunião a equipe realizou uma breve conversa e avaliamos que será necessário estreitar os laços com a comunidade escolar. Organizar outros momentos em que os alunos participem de reuniões. E chamar as famílias mais vezes na escola, assim como ir até o local de moradia dos alunos para conhecer melhor a realidade deles fora do contexto escolar. A participação das famílias no cotidiano escolar é extremamente necessária conforme Falcetta et. al. (2014),

[...]a participação da família na construção e no desenvolvimento de ações é sumamente importante para a superação dos problemas que surgirem. Por meio da discussão, reflexão, as famílias entenderão seu papel de pressão social, exigindo aquilo que lhes é de direito: educação pública, gratuita e de qualidade.[...]. (FALCETA et al., 2014, p.271)

É preciso vencer vícios que envolvem a sociedade, mostrar que não é através da individualidade que construiremos uma sociedade melhor, mas através da participação do coletivo em benefício dos interesses do coletivo. Neste sentido cabe refletirmos que a escola e a família têm um papel fundamental na construção da nova cultura e desta forma possibilitar a formação do cidadão ativo e participante.

Tendo em vista os entraves de início do ano letivo, como falta de professores, licenças, atividades sindicais, ajustes nas turmas não foi possível realizar as ações previstas para este primeiro momento.

Porém foram feitas assembleias com a comunidade e por segmento para formar uma comissão que ficou responsável por realizar a eleição do Conselho Escolar. A reunião foi bastante produtiva, embora tivéssemos pouca adesão do segmento pais, a comissão foi escolhida. Mais uma vez as famílias deixaram de participar das atividades na escola, fato este que tem preocupado bastante a equipe diretiva e gerado muitos questionamentos. Também por parte dos alunos tivemos pouca adesão. Muitos ficaram brincando durante a assembleia realizada com a vice-diretora. Foi necessário conversarmos em particular com alguns alunos para convidá-los a participar da comissão eleitoral.

Neste momento é preciso destacar a relação de cidadania, que conforme Galina e Carbello (s/d, p.4) “[...] não há cidadania sem o exercício de direitos e deveres [...]”. E assim é preciso uma formação de consciência de participação e de conquistas, que visam fortalecer e consolidar a democracia. A participação exige uma aprendizagem e a escola é um espaço democrático, aberto ao diálogo e a construção das relações sociais.

No início de abril nos dias 6, 7, 8, 9 e 10 com ajuda dos professores titulares as turmas elegeram seus representantes, esta é uma ação que possibilita exercitar a participação que desejamos por parte dos alunos, estreitando o relacionamento entre eles e com toda a comunidade escolar. Mesmo nossa escola sendo de ensino fundamental incompleto, com alunos bastante jovens será possível desenvolver e aprimorar a consciência crítica dos alunos para que sejam cidadãos conscientes e sabedores dos seus direitos e deveres, atuantes na sociedade. As professoras conversaram com os alunos sobre a importância de ser um representante de turma e o que significa. A candidatura foi espontânea e os alunos interessados, que para nossa surpresa não foram poucos, tiveram um espaço para conversar com os colegas e apresentar suas intenções como representantes de turma. Este foi um momento bem rico para os alunos, pois eles tiveram a oportunidade de manifestarem e defenderem seus interesses. Após as manifestações a professora listou no quadro o nome dos interessados e realizou a votação, que em algumas turmas foi secreta e em outras foi oral. Foram eleitos dois representantes por turma

com o objetivo de representar os colegas e multiplicar entre os alunos o sentimento de pertencer e participar das ações desenvolvidas na escola.

No dia 29 de abril realizei um encontro entre os representantes de turma para que eles além de conhecerem-se pudessem interagir para fortalecerem o grupo. Durante o encontro fizemos a dinâmica do “Emboladão”, que tinha como objetivo, aproximar os alunos, socializar, evidenciar sua paciência, enfim uma maior interação entre os participantes do encontro. Solicitei que o grupo fizesse um círculo de mãos dadas, e todos teriam que participar. Após pedi que gravassem os colegas para qual deram as mãos, identificando o colega da direita e o da esquerda. Então solicitei que largassem as mãos e caminhassem ou dançassem ao som da música que estava tocando, para a ocasião escolhi uma música bem dançante, da *Taylor Swift – Shake it off*. Então pedi que eles passassem pelos colegas olhando-os nos olhos, minha intenção era que eles se desligassem da primeira orientação. Ao meu sinal eles deviriam abraçarem-se no centro do círculo, bem juntinhos, então solicitei que todos em posição de estátua dessem as mãos para os respectivos colegas da primeira posição, sem sair do lugar. Solicitei que todos sem soltar as mãos dos colegas, tentassem abrir a roda, fizemos como regras que podia pular, passar por de baixo, girar, saltar, ficar de costas. Mas a meta era não soltar as mãos e abrir, todos juntos, ao máximo que conseguissem a roda. A experiência foi bastante interessante na minha avaliação. Embora tenha sido o primeiro encontro dos representantes, e o tempo estivesse bastante apertado, a dinâmica serviu para que nos conhecêssemos, e aquele momento foi muito rico para os alunos, valeu pela participação de todos e pelos sorrisos nos rostos durante a dinâmica. Muitos não ficaram de mãos dadas para abrir a roda, mas outros tentaram resolver a sua posição e também de outros colegas. Acredito que esta experiência deva ser um ponto significativo para cada participante e marque o começo de uma mudança no cotidiano da escola. É possível dizer que eles perceberam a importância do trabalho em grupo para alcançarmos o mesmo objetivo. Após apresentei como proposta para os representantes o projeto para o Dia da Solidariedade, que ocorreria em 16 de maio, evento este previsto no calendário escolar e também a eleição para o Conselho Escolar. Solicitei que os alunos retornassem as suas turmas e buscassem sugestões de atividades para este dia que envolvera toda a comunidade escolar. Após o encontro conversei com as professoras e solicitei que as mesmas ajudassem os representantes motivando a turma para apontar sugestões para o dia da

solidariedade, e disponibilizassem um tempo em sala de aula para os líderes conversarem com os colegas. Pois na próxima reunião teriam que apresentar sugestões dos colegas. Também tinham que incentivar que os colegas participassem do processo de eleição para o conselho escolar, e buscar com a professora da sala um esclarecimento sobre a função do conselho escolar e seus representantes.

Como havíamos combinado no dia 06 de maio, fizemos um encontro, no turno da tarde, com os representantes de turmas para relatarmos o que haviam pensado para o sábado da solidariedade, os relatos foram dos mais variados, proporcionei um tempo para que eles debatessem e escolhessem uma atividade para organizarmos, tendo em vista que o tempo seria curto para fazermos muita coisa. Apresentaram então as seguintes sugestões, oferecer donativos de produtos não perecíveis para formarmos uma cesta básica, arrecadar roupas para uma campanha do agasalho e também comentaram sobre fazer uma apresentação artística para os pais. Chegamos ao acordo de que deixaríamos a apresentação artística para a semana da família que ocorre no mês de agosto em virtude de que não teríamos tempo de organizar apresentações. Ficamos então com as duas alternativas que caberiam na nossa semana, arrecadar donativos de agasalhos e alimentos não perecíveis. Os alunos representantes de turma ficaram com a responsabilidade de informar aos colegas sobre a atividade de solidariedade e também organizar a arrecadação, que aconteceria no sábado dia 16 de maio.

No dia da solidariedade os alunos representantes de turma estavam presentes no evento e organizados para receber os donativos, foi um dia muito gratificante para mim, pois pude perceber na prática o que acontece quando envolvemos de forma efetiva os alunos a participarem das ações planejadas para escola. Após muitos eventos vazios, sem participação da comunidade, tivemos um evento com mais participantes. É claro que não temos ainda 100% de adesão ao evento, mas tendo em vista o que estava acontecendo com a comunidade este evento fez a diferença. Os donativos arrecadados ficaram na escola para serem distribuídos à comunidade mais carente.

Este foi o primeiro passo para tornar mais efetiva a participação dos alunos no cotidiano escolar. Espero alcançar com o grupo a conscientização sobre a importância da participação dos alunos no cotidiano da escola, através do diálogo entre os sujeitos envolvidos neste processo de democratização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Intervenção partiu da situação problema, que gerava um descompasso na relação entre professores, alunos e espaço escolar. Ficando evidente que o descontentamento dos alunos com a escola era o ponto que afastava os mesmos. Pois quando não gostamos de alguma coisa a tendência é deixar de lado e não querer mais aquilo. Nossos alunos mais velhos demonstravam que não gostavam da escola, as atitudes de riscar paredes e classes, quebrar mobiliários e até mesmo estragar a louça do banheiro era preocupante, o mais interessante era que eles demonstravam o descontentamento com o ambiente escolar depredando o prédio, entre eles não aconteciam grandes desavenças, os conflitos com os professores estavam dentro do normal, porém em relação ao espaço físico demonstravam insatisfação.

Acreditamos que a transição entre os anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental gera muita expectativa, e a escola não disponibilizava espaço para discussões, esclarecimentos e trocas. Sabemos que o período da adolescência é diferente e talvez o olhar com este aluno tenha que ser diferente também. Um dos pontos que devemos avaliar é se o nosso Projeto Político Pedagógico - PPP atende aos interesses destes alunos, e como podemos reverter esta situação. Desenvolver no aluno o sentido de pertencimento ao ambiente escolar é uma forma de chamá-lo para os assuntos da escola. A maneira mais eficaz é valorizar e reconhecer as contribuições que eles podem dar, através da participação efetiva nas ações desenvolvidas no cotidiano da escola conforme prevê a Gestão Democrática, exercitando e desenvolvendo a cidadania.

Considerando as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar sobre o enfoque da participação dos alunos, o objetivo do PI foi desenvolver no aluno o sentido de pertencer e se identificar como parte do ambiente escolar, proporcionando momentos de construção coletiva nas ações desenvolvidas no cotidiano da escola atendendo desta forma um dos princípios da Gestão Democrática.

Os alunos participaram das atividades, colaboram com a escola e com os projetos desenvolvidos, e puderam se sentir pertencentes ao espaço escolar. O diálogo contribui como ferramenta que permitiu a caminhada dos sujeitos numa relação mais democrática.

A participação no cotidiano escolar é um processo que visa a democratização real da escola. É a construção de uma escola mais compreensiva, que acolhe a todos os sujeitos independentemente de suas diferenças.

Proporciona a todos os envolvidos momentos ricos de construção do coletivo e de transformação de ambientes autoritários em espaços que permitem a troca e a valorização dos sujeitos. Neste sentido a gestão democrática deixa de ser garantida somente na legislação e passa a ter a garantia na prática escolar. Através da participação plena dos sujeitos envolvidos neste processo de democratização. Para a construção desta escola democrática e participativa cabe aos sujeitos envolvidos exigirem e garantirem seus direitos de cidadãos, capazes de dialogar, e mudar em benefício do coletivo.

É possível fazer diferente, é possível trabalhar com as diferenças, é possível participar e incentivar a participação é possível construir espaços capazes de fazer a diferença. As reflexões que faço aqui neste trabalho evidenciam que a gestão em si não é a solução de todos os problemas que encontramos na escola, mas é através dela e com a participação da comunidade escolar, neste caso do segmento alunos, que podemos reforçar a democratização do espaço e aperfeiçoar a relação dos sujeitos enquanto cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elder dos Santos; MENDONÇA, Marcela Paula de. **Democracia e cotidiano escolar: a escola como possibilidade de participação.** Disponível em: <http://escolabompastor.weebly.com/uploads/1/2/5/7/12579111/democracia_e_cotidiano_escolar_-_a_escola_como_posibilidade_de_participacao.pdf> Acesso em: 01.jun.2015

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.

_____. Lei n.º 9394, 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CORMELATTO, Luciani Paz; PERONI, Vera Maria Vidal. **Políticas e Gestão da Educação : A Gestão Democrática na Teoria e na Prática.** In: SILVA, Maria Beatriz Gomes; FLORES, Maria Luiza Rodrigues (Orgs.) Formação a Distância para Gestores da Educação Básica: olhares sobre uma experiência no RS. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

FALCETTA et. al. Participação, um fundamento para a gestão. In: SILVA, Maria Beatriz Gomes; FLORES, Maria Luiza Rodrigues (Orgs.) Formação a Distância para Gestores da Educação Básica: olhares sobre uma experiência no RS. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GALINA Irene de Fátima ; CARBELLO, Sandra Regina Cassol. **Instâncias Colegiadas: espaços de Participação na Gestão Democrática da Escola Pública.** Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1090-4.pdf> Acesso em: 04.jan.2015.

GANDIN, Danilo. **Escola e Transformação Social.** Porto Alegre: Vozes, 1988.
MEDEIROS, Isabel Letícia Pedrosa de; LUCE, Maria Beatriz. **Gestão democrática na e da educação: concepções e vivências.** Texto da Biblioteca do Curso de Especialização da Escola de Gestores, da sala Ambiente Planejamento e Práticas da Gestão Escolar.

PARO, Vitor Henrique. "**Estrutura da escola e educação como prática democrática.**" *Políticas educacionais e organização do trabalho na escola*. São Paulo: Xamã (2008): 01-15

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Como fazer pesquisa-ação?** s.d. Disponível em: <http://www.ic.ufmt.br:8080/c/document_library/get_file?p_l_id=12683&folderId=53266&name=DLFE-2406.pdf> Acesso em: 04.nov.2014.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A escola em debate: gestão, projeto político-pedagógico e avaliação. **Retratos da Escola**, Brasília: CNTE, v. 7, n. 12, p. 159-166, jan./jun. 2013.

ANEXOS

ANEXO A – ATA DE REUNIÃO COM A COMUNIDADE

4ta 02/2015

Assim que um dia do mês de março do ano de 2015, reuniu-se na escola, os professores, funcionários, pais e alunos, numa Assembleia Geral para escolher a comissão que organizasse a eleição do novo Conselho Escolar. Foi logo após escolhida a representante do segmento pai. A professora Aline, juntamente os pais e passa a falar e a professora Zila. A professora Zila com o cumprimento do pais e esclarecendo as dúvidas e os objetivos do Conselho, digo

Resolução CEB nº 05/90/93 - Ativa Desagregada
 Portaria 05/01 - D.O. 05/01/2001
 Retificação Portaria 05/01 - 10/03/2001
 Porto Alegre - RS

Conselho Escolar da escola. Está sendo solici-
 tado que se inscrevam quatro pessoas,
 pais ou mães, bem como representante do
 aluno. A professora PT Amélia comenta a
 história da importância do Conselho Escolar.
 A comunidade deve se apropriar da vida
 da escola. A professora Aline, comenta que
 hoje foi chamado, além dessa assembleia,
 foi convidado para comemorar o aniversá-
 rio da escola. Temos trezentos e sessen-
 ta alunos, e infelizmente nem todos compare-
 ceo. Por isso, conclama, que os presentes
 sejam os multiplicadores desde proposta.
 Se inscrevem-se para formar a comissão
 as seguintes mães: primeiro a Sra. Lucidiana
 de Souza Vaquerio, aluno Luis Francisco,
 de turma 31, segundo a Sra. Deise Marques,
 aluno Gustavo dos Santos, turma onze, ter-
 ceiro a Sra. Roseli de Silva, aluna Camille,
 de turma cinquenta e dois, e quarto a Sra.
 Jéssica Dessoy, aluno Gabriel, de turma vinte
 e três e como suplente a Sra. Edisa Cardoso,
 aluno Otávio de turma trinta e dois. Postera-
 mente esses pais serão chamados, pois re-
 vere assembleia dos outros segmentos. To-
 dos são convidados para comemorar o
 aniversário da escola com um café de
 manhã, como também será oferecido e
 bens pelo parco de pais e alunos do estu-
 de do Santuário de Nossa Senhora de Fátima.
 Nada mais tenho a declarar encerro a pre-
 sente etc que será assinado por mim e
 os presentes hoje, Maria Amélia de Aguiar,

ANEXO B - ATA REUNIÃO COM O SEGMENTO ALUNOS

Ata 05/2015

Por trinta dias do mês de março do corrente ano o Conselho Escolar reuniu-se com o segmento alunos para a escolha dos representantes que irão compor a comissão eleitoral para a renovação do Conselho Escolar. A professora Zile explicou aos alunos sobre a importância do Conselho Escolar, sua atuação e a participação dos alunos. Foram excluídos os alunos Manuella Carvalho Pereira da turma 62, Luis Eduardo Mello Costa da turma 52 e Jonathan Rodrigues Gabriel Silva da turma 51. Dodomais havendo a tratar, lavrou-se ata assinada por mim e pelos demais presentes - Ana Paula, Karina, Gabriel Vassarela, João Rafael dos Santos Soares, Yasmim Silva Nunes, Vitor 52, Téo Vitor Agostinho Camargo, William Candido, Tiago Gabriel da Silva, Thiago da Silva Lopes, Karoline de Matos Pereira, Gustavo Aguiar da Silva, Mathew da Rosa Maciel, Eduardo do Carmo, Karênica Oliveira Forte, Thaina gab de Oliveira, William Silva dos Reis, Bracida Karã Dias Ribeiro, Vitor Hugo Rodrigues, Camila Silva de Sousa, Vitoria Vitor Gabriel, Gaviã Larutirack da Silva, Tamires gabrielle seix, Andrielle Lima Ferreira,

C. E. E. T. E. S. S. P. A. T. A. S. P. A. S. S. A. S.
 Resolução CEE/SP nº 211/2003 - Altera Designação
 Portaria CEE/SP - D.O. 26/04/2001
 Retificação: Apos. Sit. 00143 - 10/03/2001
 Porto Alegre - RS

Leonardo Ferreira Cardoso, Luiz Eduardo Muler Costa, Luana Silva
 Alves, Mariana Franca da Silva, Kellian Khoue Silva Souza
 Maria Eduarda de Almeida Garmetta, Luiciana
 D'Avila Machado, Entony Brenden Rodrigues da Silva,
 Diego Machado Ziegler, Relfon Lopes Fourn
 Luiz Gustavo da Lianza Dutra, Samuel Felipe Sauren,
 Erik-Felipe da Silva Rodrigues, Jonathan Rodrigues Gabriel
 Silva, Pablo Gabriel Teisen de Oliveira, Maria Izabela Guarez Maria
 Gabriel Martins Pacheco, Jennifer Eduarda de Souza
 Braga, Tereza Helo Moura, Eduarda Beatrice Lopes
 Pedro, Ysmar Miller de Oliveira, Vitor Holderbaum
 Lima, LEO B. PEREIRA CARDOZO, Felipe Batista dos Santos, Paulino Henri-
 que Moraes de Freitas Guimarães, Paula Rodrigues Américo Nunes,
 Alcida Pinheiro, Monella Campalho Pereira, Círcia Quadros Olive-
 ira da Silva, Sofia Bomberg Cardoso dos Santos, Ana
 Laura da Silva, Leticia Martins Becker, João Victor Alves Alves,
 Kaique Cardoso, Helen Eduarda, Rafael Soares, Mariana Luiza
 Caralli, Ana Vitória A. dos Santos, Luana Gabriele Bonapa-
 ce da Silva, Karla Adriene Ribeiro Padilha-Alivan E.
 da Cunha Bastos, Jennifer Rafaela da Rosa Antunes,
 Halipper Ferreira Borges, Kiki Saldanha dego-
 bis, Gabriel Ricardo Borcello Menzys, Allison Rezende dos Santos,
 Willian Porto Grasselli, Ana Laura Oliveira Barquinha, Maurício,
 Samantha Helto Rodrigues, Sibelém Inês Inês, C. de
 Castro, Agnes e Gustavo dos Santos, MATHEUS COPIN BORGES LEDESMA
 Daniela Daxona Nunes Gomes, Cintília Vitéria
 de Conto Vargas Elorikski, Andriete Micaele dos Santos
 Kauana da Rosa Ferreira, Mateus M. F. F. F. F.
 Juliana Oliveira de Almeida, Ana Julia Smolshi Sumiënski,
 Léo Victor dos Santos, Francisco Marques Freitas,
 Andriana Maria Motta dos Santos, Natália da Silva, Sara Crislina
 de Melo Alves Congo, Rodrigo Soares do Amaral,
 Rafaela Duarte Pereira, Thales N. Soares

ANEXO C – REGISTRO FOTOGRÁFICO



